



# AEDOS

Revista do corpo discente  
do PPG-História da UFRGS

## “Buscando espaços, criando conceitos”: a construção da identidade homossexual masculina a partir da linguagem dos periódicos *Snob* e *Lampião da Esquina*.

“In search of a place, creating concepts”: the construction of male homosexual identity from  
the newspapers *Snob* and *Lampião da Esquina*.

Karulliny Siqueira<sup>1</sup>

Mauro Roberto Fonseca Dias<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo almeja compreender o desenvolvimento e a discussão no que tange as homossexualidades expostas nos periódicos *Snob* e *Lampião da Esquina*, escritos nas décadas de 1960 ao início da década de 1980. Pretende-se analisar de que forma era percebida e compreendida a homossexualidade através do contexto histórico e pessoal dos principais redatores. Logo, por meio da análise das linguagens políticas e da identificação do contexto linguístico vigente, iremos pontuar os principais debates provenientes de opiniões argumentativas que traziam um novo vocabulário com objetivo de transformar a perspectiva das homossexualidades no Brasil, ora discutida e proposta como uma relação entre os pares iguais, como ocorre no periódico *Snob*. E, ainda, como objeto de interações positivas necessitando reclamar seus espaços no poder – *Lampião da Esquina*.

**Palavras-chave:** Imprensa; homossexuais; linguagem política.

**Abstract:** This article aims to understand the development and the discussion about the homosexuality exposed in the periodicals *O Snob* and *Lampião da Esquina*, written in the decade of 1960's to the beginning of the 1980's. It is intended to analyze how homosexuality was perceived and understood through the historical and personal context of the main writers. Therefore, through the analysis of the political languages and the identification of the current linguistic context, we will point out the main debates arising from argumentative opinions that brought ideological discourses with the objective of transforming the perspective of homosexuality in Brazil, now discussed and proposed as a relation between the equal pairs, as occurs in the newspaper *Snob*. Or like object of positive interactions needing to reclaim their spaces in power - *Lampião da Esquina*.

**Keywords:** press; homosexuals; political language

### Introdução

Muito tem se discutido, a partir de narrativas acadêmicas, a homossexualidade e sua memória quanto ao movimento homossexual brasileiro. Embora essas pesquisas tenham se desenvolvido gradativamente, todavia, ainda é possível perceber o desafio que é trilhar

---

<sup>1</sup> Professora de História do Brasil e regional na Universidade Federal do Espírito Santo/ Ceunes. Departamento de Educação e Ciências Humanas.

<sup>2</sup> Graduado em História pela Faculdade Saberes, Vitória - ES.

debates historiográficos consistentes acerca do tema. Como resultado, a conexão interdisciplinar entre as demais áreas das Ciências Humanas se torna essencial. O periódico *Lampião da Esquina* está entre as fontes acadêmicas de maior apelo pelos estudiosos e sua relação com o início do movimento homossexual desdobra-se em discussões articuladas entre a Historiografia, a Sociologia, a Psicologia, o Jornalismo e a Antropologia.

Assim sendo, importa destacar como esses impressos, a partir da segunda metade do século XX, refletiam-se em um denominador comum: a sociabilidade entre aqueles considerados párias da sociedade. Aprofundando essa perspectiva, podemos notar que para Rodrigues:

a imprensa gay no Brasil, como no mundo, surge da necessidade que uma parcela da sociedade teve em procurar seus semelhantes, buscar uma união com os iguais, construir um refúgio coletivo, lutar contra um sistema que os tornava invisíveis (RODRIGUES, 2015, p. 88).

Neste artigo estão integradas bibliografias norteadoras composta pelas pesquisas de Green (2000, 2012); Green e Quinalha (2015) referências historiográficas em estudos sobre a história da homossexualidade brasileira; Costa (2010) que analisa o boletim *Snob*; além de outros nomes importantes como Ceccarelli (2008); Facchini (2003); Ferrari (2004); Fry e Macrae (1985); Fry (1982); Macrae (1990); Okita (2007); Pereira (2012); Silva (2016); Silva e RubioO (2018) ; Souto Maior Jr (2016) e; Veras (2014) contribuindo para novas discussões, além de proporem novos debates metodológicos. Este trabalho está relacionado a minha pesquisa inicial em 2017, defendida em minha monografia no curso de História com o tema: *Os periódicos Lampião da Esquina e o Boletim do GGB e suas contribuições para o Movimento Homossexual Brasileiro durante a abertura política no Brasil*.

De fato, podemos destacar que muito tem se discutido sobre o tema do movimento homossexual brasileiro. Vale notar as variadas pesquisas que priorizam trilhar uma discussão acerca da construção da identidade homossexual brasileira, no que tange ao questionar as performances de masculinidades e feminilidades tão vigiadas. Uma vez que é muito recente a comemoração de 40 anos do início do movimento homossexual no Brasil, é considerável o volume bibliográfico expresso em artigos científicos, em revistas e nas mídias de comunicação, como, por exemplo, a atual edição da clássica obra de Trevisan – *Devassos no Paraíso* – que obteve sua 1ª edição em 1986, incluindo uma nova edição mais atual, totalmente revisada e ampliada<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

Não podemos também deixar de enfatizar a importância da Revista Cult que em junho de 2018 trouxe o dossiê comemorativo do 40º aniversário do Movimento LGBTI+<sup>4</sup>. Logo, delinear produções acadêmicas inseridas no contexto da formação do movimento homossexual brasileiro é de extrema importância para aquecer os debates atuais na busca da preservação e respeito aos direitos humanos.

É relevante apontar a importância que *Snob*, *Lampião da Esquina*, entre tantos outros jornais caseiros que, circularam nas décadas de intensa repressão e censura, puderam desafiar o sistema coercitivo ao defenderem uma consistente necessidade em dialogar sobre o que sentiam naquele momento. Em entrevista na edição 28 de *Lampião da Esquina* à Anuar Farah<sup>5</sup> e Agildo Guimarães, Leila Miccolis apresenta a extrema importância dos impressos, algo que reflete até mesmo em nossa atualidade, ao afirmar que:

Essas pessoas fizeram o máximo, dentro de suas possibilidades, para lutar contra o tratamento diferenciado que sofriam. Tiveram dificuldades com família, trabalho e até com a repressão institucionalizada, mas não pararam. Então, não dá só pra gente criticar: eles marcaram uma época, talvez ainda mais difícil do que a atual e sobre isso tem muito o que contar (MICCOLIS, 1980, p. 06).

### **Para uma sexualidade igualitária: nuances a partir do jornal Snob**

É durante a década de 1960, época inicial do regime militar, que a discussão sobre as homossexualidades<sup>6</sup> e suas inclinações performáticas mantiveram pauta nos jornais caseiros, mantidos pelos grupos de sociabilidade, a ponto de trazer mudanças na maneira de compreender esse fenômeno. Isso foi possível, parcialmente, graças ao jornal *Snob* criado pelo integrante do grupo Agildo Guimarães, considerado um dos maiores jornais de fofocas para o público gay carioca, durante a década de 1960. De acordo com Costa o jornal era de produção doméstica, produzido de forma artesanal, mimeografado em ofício e distribuído entre os amigos, e “veiculava fofocas, informações sobre locais de encontros sexuais, notícias de pessoas da rede e parcerias amorosas. Cinema, teatro e poesia também era alvo de comentários” (COSTA, 2010, p. 63).

Com a dura repressão era impossível pensar em um movimento homossexual político no decorrer dos primeiros anos da década de 1970. Segundo os estudos de Perlongher (1987),

---

<sup>4</sup> De acordo com o *Manual de Comunicação LGBTI+*, com publicação em 2018 e destacado por SILVA e RUBIO (2018), orienta-se utilizar o termo LGBTI+ para referenciar o público gay, lésbico, bissexual, travesti, transexual, intersexual entre outras expressões de gênero relacionados ao código +

<sup>5</sup> Sócio de *Snob* e fundador do jornal *Le Femme*. Foi o primeiro presidente da ABIG – Associação Brasileira de Imprensa Gay, criado em 1962.

<sup>6</sup> O termo homossexualidades intenta empreender a inclusão de todos os sujeitos que atualmente estão interligados às siglas LGBTI+. De acordo com Green e Quinalha (2015) este termo visa afastar-se de possíveis anacronismos em caso de usarmos tais vocábulos e nomenclaturas de identidades distantes ao contexto de pesquisa. O fato é de que a extensa diversidade, no que tange as expressões de gêneros e orientação homossexual, inseridas neste contexto, estava relacionada como formas de homossexualidades.

o golpe de 1964 não reproduziu impacto imediato entre os homossexuais. Essa suposta “liberdade” iria mudar, contudo, a partir das ações oriundas do Ato Institucional 5 (AI-5)<sup>7</sup>. A *Turma OK*<sup>8</sup> e demais redes de sociabilidade homoeróticas<sup>9</sup> empregavam soluções para aqueles que queriam construir laços fora de locais públicos, que logo mais tarde tornar-se-iam bastante visados pela polícia, principalmente após o AI-5.

Como muitos precisavam manter sua orientação sexual em sigilo, seja, por motivos familiares ou pela manutenção do emprego, as reuniões do grupo foram essenciais para preservar as relações homoeróticas. Nas palavras de Costa, os integrantes destas variadas redes

desenvolveram uma forma de sociabilidade que teve como característica peculiar produzir encontros em residências de alguns dos participantes, promovendo festas, concursos, peças teatrais, jantares e pequenos encontros informais, o que levou à formação de sólidos laços de solidariedade [...]. Estimulava estratégias de conhecimento pessoal pelo acolhimento num grupo de interessados em estabelecer amizade ou encontros sexuais com um dos participantes, com abertura para grupos externos nas grandes festas que promoviam (COSTA, 2000, p. 68).

De acordo com Miranda, todas as semanas havia reunião do grupo, geralmente no apartamento do fundador Peres, onde lá se ouviam músicas, bebiam e se socializavam, pois nessa época não havia nenhum ambiente como bares e discotecas que atendessem diretamente o público *gay*<sup>10</sup>.

O discurso de Miranda se contrapõe, de certo, ao atentarmos para o trabalho de Green (2000) onde são apresentados alguns locais de sociabilidade homoerótica, consolidada, em Copacabana e no Centro do Rio de Janeiro. Não podemos deixar, também, de destacar o Baile dos Enxutos, que tornou-se uma manifestação associada ao carnaval, no início da década de 1960 (GREEN, 2000, p. 360-361).

É clara a precariedade de vida dos homossexuais imposta pela sociedade brasileira antes e durante o regime militar. O grupo *Turma Ok* serviu como forma de escape para os

---

<sup>7</sup> O AI-5, estabelecido em 13 de dezembro de 1968, introduziu a fase “anos de chumbo”, firmava a prisão de opositores do regime sem abertura de processo. Dessa forma, o governo passava a controlar os meios de comunicação, além de dar fim ao direito de *Habeas Corpus*.

<sup>8</sup> Costa (2010) discute que essa formação surgiu a partir de um grupo de convivência. A maioria era formada por homossexuais masculinos e tinham o objetivo de manter encontros sociais e informais nas residências de seus membros. De acordo com Costa, o grupo surgiu em 1961, ocorrendo um hiato entre o final de 1964 até em 1984. Em 1985, o grupo se institucionaliza, regulamentando-se como uma rede organizadora de várias atividades para o público homossexual, o qual sobrevive até hoje.

<sup>9</sup> O termo homoerótico ou sociabilidade homoerótica, que será recorrente neste trabalho, propõe assim discutir que nem todos os indivíduos, que manifestavam práticas de relações sexuais com pessoas do mesmo sexo, eram considerados homossexuais. Costa (2010) usa esse termo, pois este integra um número maior de pessoas. Na visão do autor, os homens que somente realizavam o papel de ativo nas relações sexuais, por exemplo, não eram compreendidos como homossexuais neste contexto.

<sup>10</sup> Segundo entrevista com Miranda, 10.11.1994 apud GREEN, 2000, p. 260.

homossexuais elitizados do Rio de Janeiro que pretendiam evitar locais nos quais pudessem estar expostos à repressão policial.

Para além das reuniões do grupo, a única oportunidade de um contato entre homens seria somente decorrente de encontros em locais públicos, como praças e algumas áreas mais afastadas nas praias, como a de Copacabana<sup>11</sup>. Outra alternativa seria frequentar os cinemas noturnos, exemplos como a Cinelândia, no Rio de Janeiro. Na maioria desses locais era propícia às rondas policiais, refletindo numa considerável insegurança para aqueles que estariam dispostos a manterem encontros com propósitos sexuais. A *Turma OK* tinha o objetivo de trazer essa segurança aos seus integrantes, na possibilidade de se divertirem e terem seus momentos de interação, fora dos olhares da polícia.

O aparelho policial manifestou-se por diversas ações de repressão manifestadas pelas variadas “operações limpezas” articuladas numa espécie de “caçadas” organizadas “com o fim de retirar das ruas e praças aqueles que eram tidos como ‘depravados’, ‘invertidos’, mas também com ‘elementos da ação subversiva’” (RODRIGUES 2015, p. 218-219). Essas operações tinham como objetivo conter as “sexualidades periféricas” como nos aponta Foucault (2017).

O periódico *Snob* tinha “a tarefa de relatar esses encontros especiais, mas que logo começou a divulgar também outras notícias de interesse da rede, como, por exemplo, os arranjos de parceria afetivos e/ou sexuais e suas atividades culturais” (COSTA, 2010, p. 69-70). Green identifica essa sociabilidade como famílias alternativas, pois foram através delas que se tornou possível para que muitos homossexuais “conseguissem sobreviver e prosperar sem laços estreitos com a família” (GREEN, 2000, p. 453-454).

Costa identifica *O Snob* como um jornal, inicialmente, configurado como um pequeno panfleto de apenas duas páginas. Durante toda a sua produção passou de edições semanais com poucas páginas a periódicos quinzenais e mensais. Para o autor é a partir de 1964 que o jornal passa a circular com capa, “na qual eram impressos desenhos de figuras femininas representando pessoas ilustres da rede” (COSTA, 2010, p. 64). As pessoas ilustres aqui representam as modelos e artistas da época que estrelavam as capas de revistas mais famosas nas quais *O Snob* trazia em sua arte de capa referências a essas personagens com reproduções ilustrativas semelhantes.

---

<sup>11</sup> Green argumenta que, nas “décadas de 1940 e 1950, a Lapa, a Cinelândia e a Praça Tiradentes continuaram a serem territórios frequentados por homens que apreciavam o sexo com outros homens” (GREEN, 2000, p. 255). Na área nobre havia uma localidade próxima ao Hotel Copacabana Palace, de frente para a praia, que se tornou um dos ambientes mais frequentados afins de interações homoeróticas. O local era denominado de *Bolsa de Valores* por ser um ambiente bastante frequentado por hóspedes do hotel, na maioria gringos, mantendo-se também como um local de prostituição.

Entre os anos 1963 a 1969 foram 100 edições do jornal *O Snob* incluindo duas edições extras e uma especial, estando disponíveis em locais de circulação homoerótica e em locais de encontro das “bichas<sup>12</sup>”.

No bojo da redação e colunas do jornal, destacavam-se, conforme apresenta Costa, as colunas regionais que abordavam assuntos específicos às suas respectivas regiões, além de demais temas. Entre eles podemos destacar: “As colunas de fofocas e sociais; as crônicas e contos e, principalmente, a coluna do Pantera, com fofocas ‘bichais’ e ‘entendidas’, além de histórias fictícias (denominadas séries), cujos personagens eram os participantes da rede” (COSTA, 2010, p. 66). É Pantera, de acordo com Costa, quem propôs o debate sobre os comportamentos sexuais dos integrantes do jornal a partir de um diálogo sob a perspectiva das identidades de gênero, no qual discutiremos mais adiante.

É relevante destacar como este jornal impactou na maneira em que os envolvidos da rede relatavam os modos de pensar e de atuar de seus integrantes. Utilizaram-se do jornal, por exemplo, na coluna “Da arte de caçar”, para divulgar alguns locais propícios aos encontros sexuais, estratégia que remetia a controlar os perigos que circundavam esses ambientes.

Costa enfatiza que nesta coluna, *O Snob* “ensinava como e onde arrumar um parceiro com fim sexual. Informava locais e perigos que envolviam essa incursão e as ‘manhas’ para abordar alguém potencialmente afeito ao intercuro sexual com indivíduos do mesmo sexo” (COSTA, 2010, p. 75).

O jornal tinha um apressado em divulgar as arenas da “pegação<sup>13</sup>” já que esta se fazia parte da vida dos seus redatores. Costa analisa esse espaço não somente como uma coluna de tendência, mas, também, muitas vezes, era possível visualizar tons depreciativos conforme o recorte a seguir:

Aproveite a tarde e vá para o Maracanã [...]. Máxima discrição ao agir no estádio; o mínimo de pinta que você deixar transparecer poderá ocasionar o massacre de sua frágil figurinha. Tudo que você tem a fazer é postar-se nos banheiros do estádio [...]. [Quando o jogo começa] até o policiamento vai para o estádio assistir a partida [...]. Tudo o que não estiver assistindo ou é “bofe”, ou é “tia”. Afaste-se das “tias”, aproxime-se dos “bofes”, faça as suas abordagens e fique a vontade, porque a tarde é sua, minha CARA LEITORA<sup>14</sup>.

---

<sup>12</sup> Costa apresenta o termo “bicha” como um vocábulo de uso nos “meios homossexuais” da época para designar os homens que atuavam na posição passiva com seu parceiro, ou sejam, os penetrados, participando do campo feminino de atuação.

<sup>13</sup> O termo evidencia não somente o ato em si, mas, refere-se, contudo, a determinados locais. Portanto, além de fazer a “pegação” propriamente dita, há também o vocábulo popular “locais de pegação”. Em se tratando de lugar, é onde se caça ou se é caçador. O caçador, neste caso, é a “bicha” que captura o “bofe” numa espécie de relação sem compromissos afetivos.

<sup>14</sup> *O Snob*, n. 9, 1964.

O jornal, inicialmente, trabalhou com a explanação dos valores da rede no que tange a autoestima, às fofocas e a transformação de espaços. Mais tarde, a partir de 1965 que as discussões sobre a homossexualidade, numa perspectiva mais teórica e crítica, vão tomando espaço com a coluna do Pantera.

Em se tratando da subjetividade de gênero, até meados da década de 1960, o homossexual masculino era compreendido como um homem de identidade biológica masculina que expressava comportamentos do gênero social culturalmente compreendido como feminino. Em outras palavras, seria um homem com uma “alma” feminina. É a partir disso que muitos assimilavam a homossexualidade como um “terceiro sexo” (COSTA, 2010).

A performatividade aqui estava inteiramente associada a partir do comportamento sexual do sujeito. De acordo com o antropólogo Peter Fry essa situação se define da seguinte maneira:

Enquanto o “homem” deveria se comportar de uma maneira masculina, a “bicha” tende a reproduzir comportamentos geralmente associados ao papel de gênero feminino. No ato sexual o “homem” penetra, enquanto a “bicha” é penetrada [...]. O ato de penetrar e o de ser penetrado adquirem, nessa área cultural, através dos conceitos de “atividade” e “passividade”, o sentido de dominação e submissão. Assim, o “homem” idealmente domina a “bicha”. Além disso, a relação entre “homens” e “bichas” é análoga à que se estabelece entre “homens” e “mulheres” no mesmo contexto social, onde os papéis de gênero masculino e feminino são altamente segregados e hierarquizados (FRY, 1982, p. 90).

Conforme é apresentado por Fry, a dicotomia dominante e dominado, manifestado na relação sexual entre heterossexuais, mantinha-se reproduzido da mesma forma para os homens que se relacionavam com outros homens.

Em análise ao exposto acima, proposto por Fry, reconhecemos aqui uma identificação de gênero ambígua se compararmos com as contestações expostas tanto em *O Snob* quanto em *Lampião da Esquina*. É Judith Butler (2003) quem discute e apresenta as perspectivas de performances de gênero submetidas a uma ação e reação sempre em transformação, não aceitando a ideia de que sexo e gênero sejam substâncias permanentes (SALIH, 2017). Assim, é possível perceber como as convicções de Hélio, integrante da redação de *O Snob*, se propôs a uma nova manifestação performativa entre sujeitos que não se identificavam com os conceitos de “bicha”, “travesti”, “boneca”, entre outros.

Costa demonstra que, a importância de se discutir homossexualidade no jornal foi ganhando mais espaço através de Hélio, que usava o codinome de *Pantera* em seus textos. Este redator problematizava a questão do sujeito biologicamente masculino com comportamentos do gênero feminino como sujeito passivo no ato sexual. Para Hélio, manter

essa perspectiva era insuficiente para tentar entender e discutir tais performatividades inseridas nas complexas masculinidades atenuadas pelo redator.

Para tanto, Hélio discordara dessa mentalidade, propondo críticas ao debate sobre as nomeações na perspectiva feminina de gênero. Para ele, isso fica claro quando o mesmo mantém um relacionamento consolidado com outro rapaz, o que o levou a manifestar seu posicionamento relacionado à sua vida pessoal na edição quatro de *O Snob*:

Hélio e Edson completaram no dia 07 mais um ano de entendimento. Não podemos noticiar Sr. e Sra. porque até hoje ninguém sabe como os dois se entendem [...] Agora Niterói está esperando um sair de bolsinha para resolver de vez esta questão<sup>15</sup>

Hélio, que assinava seus textos com o codinome de *Pantera*, alterou seu pseudônimo para *Gato Preto*, trazendo uma referência masculina, diferente dos demais colaboradores que mantiveram seus codinomes relacionados ao feminino. É nesse contexto que surge o termo *entendido*.

O *entendido* trouxe a ideia de que homossexuais podem ser homens que reproduzem culturalmente o gênero masculino, mesmo tendo desejos e afeições por outros homens de conduta impostas e expressas, também, pelo gênero masculino. Este novo termo também se refletia às lésbicas, onde permanecia o mesmo imaginário, até então, identificados em uma interação entre duas mulheres, sendo que a primeira, dotada do comportamento social mais feminino, denominada de *lady*, enquanto a segunda, de postura mais masculina, era chamada de *fanchona*.

Assim sendo, é possível identificar como as proposições masculinas e femininas, ser homem, ser mulher, empreendiam um conflito ao tentar estabelecer uma linguagem que, inicialmente, tentou introduzir um senso no que se determinava a performatividade homossexual no período. Logo, tratar esse discurso através da dicotomia homem e mulher necessitava elencar significados consistentes que pudessem aproximar-se da realidade já que para Scott “sem o sentido não há experiência; sem processo de significação não há sentido” (SCOTT, 1990, p. 11).

Portanto, de acordo com o discurso sugerido por Hélio, Fry alerta-nos que nesse momento “o mundo masculino deixa de se dividir entre homens másculos e homens efeminados, e se divide entre ‘heterossexuais’ e ‘homossexuais’, entre ‘homens’ e ‘entendidos’” (FRY, 1992, p. 94). O antropólogo afirma que este novo termo já não compromete mais em saber quem é agente da atividade e da passividade, podendo haver uma troca entre os pares, determinando um panorama maior de igualdade. Da mesma maneira,

---

<sup>15</sup> Segundo *O Snob*, n. 4. 1965 apud COSTA, 2010, p. 84.

Costa argumenta que, mesmo não sendo um pensamento adotado por todos do grupo, essa mudança, na forma de entender esse fenômeno, levou-o a concluir como

a homossexualidade começa a ser compreendida como “encontro” entre iguais, independente do papel sexual “ativo” ou “passivo”: se os dois indivíduos do mesmo sexo se relacionam sexualmente, são ambos considerados homossexuais, independente das técnicas sexuais (penetrar ou ser penetrado) de que façam uso do papel de gênero que possam assumir (FRY, 1992, p. 84).

O vocábulo *entendido* se fortaleceu na década de 1970, sendo utilizado até nos demais jornais disseminados ao público gay, através do sucesso de *O Snob*, que surgiram em meio à eclosão da imprensa alternativa, destacando-se entre eles o periódico *Lampião da Esquina*.

Os jornais caseiros, produzidos pela classe média homossexual<sup>16</sup>, foram perdendo o fôlego durante os anos de repressão massiva da polícia, diante dos receios de seus folhetins serem confundidos e relacionados com os ideais da esquerda subversiva.

No seu auge, tiveram tanta importância para o público homossexual, durante a década de 1960, que contribuíram na criação da Associação Brasileira de Imprensa Gay – ABIG – em 1962. Esta associação tinha o objetivo de tornar-se mais ético e coerente os assuntos que os editores deveriam abordar, distanciando-se das fofocas para temas que tratassem da cultura, tendências, assuntos internacionais e, também, política. Mesmo com a criação da ABIG, os jornais caseiros não conseguiram resistir em meio ao clima de medo, consequência do regime militar, levando o fim da associação em 1964<sup>17</sup>.

Muitos temiam que os periódicos fossem confundidos com os ideais das esquerdas, acreditando que a polícia poderia considerar os folhetins como veículo da ação subversiva. Green aponta que no final da década de 1960, o jornal não conseguiu se manter e

encerrou sua publicação em meados de 1969. Hélio (Gato Preto) lembra da paranoia que se espalhou pelo público. Normalmente, o jornal era distribuído em pontos de interação gay e entre amigos. Com uma onda de prisões e tortura de opositores, muitas pessoas que apoiavam o jornal temeram que ele pudesse ser confundido com publicações “subversivas” de esquerda. Agildo mais tarde recordou que muitos membros do grupo também se afastaram porque uma quantidade maior de bares gays foi inaugurada nos fins dos anos 1960. Com maiores opções de entretenimentos disponíveis aos membros do grupo, a função de *O Snob* como rede social ficou reduzida (GREEN, 2000, p. 314).

Importa destacar neste trabalho que o público homossexual neste contexto não detinha apoio tanto da esquerda quanto da direita conservadora, da época do regime militar. Portanto, nos anos de circulação de *Lampião da Esquina*, como veremos em seguida, só foi possível

---

<sup>16</sup> A classe média homossexual representa nesse artigo o composto de redatores que além de homossexuais, ora assumidos ou não, contemplavam uma situação financeira estável, sendo residentes, a sua maioria, na zona sul do Rio de Janeiro. Entre eles estão artistas plásticos, funcionários públicos, escritores, cantores, entre outros.

<sup>17</sup> Conforme destaca Anuar Farah e Agildo Guimarães em entrevista ao *Lampião da Esquina*, n. 28, setembro de 1980. Somente *O Snob* manteria suas edições até a instauração do Ato Institucional 5, o mais duro de todos os decretos, emitido em dezembro de 1969.

adquirir notoriedade e tamanha circulação a partir das propostas que objetivavam reunir todas as homossexualidades em conjunto com os demais grupos em situações precárias, conforme foram estabelecidos os apoios integrados entre as feministas, os negros, os índios, os ambientalistas, entre outros.

### **Lampião da Esquina: para uma homossexualidade em construção**

A homossexualidade, no século XX, não era considerada crime no Brasil. No entanto, os processos arbitrários oriundos, sobretudo, através dos casos de vadiagem ou por meios de ações que compreendiam na infração contra a moral e aos bons costumes, manifestado principalmente pela prostituição, serviam como mecanismos de controle e de punição às pessoas suspeitas de exercerem atividades homoeróticas. Para tanto, o uso das atuações de vadiagem estabeleceu-se entre as ações mais arbitrárias utilizadas durante o regime militar, como ferramenta para a perseguição e prisão de homossexuais e, particularmente, de travestis (GREEN, 2003). Segundo Perlongher (1987, p. 75), após o AI-5 “determinados lugares muito assediados por homossexuais, cuja homossexualidade era muito nítida, evidente, imediatamente sofriam assédio e repressão da polícia”.

A estigmatização da homossexualidade tornou-se mais eficiente e sólida ao longo de uma mentalidade no qual a sociedade relacionava indivíduos homossexuais como pessoas preponderantes à criminalidade (FOUCAULT, 2017). O jornal *Lampião da Esquina* criticou em várias de suas reportagens este posicionamento ao propor desmistificar este senso em toda a imprensa, na tentativa de transformar essa perspectiva do homossexual como marginal e doente mental<sup>18</sup>.

Podemos mencionar aqui a preocupação de Foucault ao destacar o discurso do casal heterossexual como o comportamento legítimo, com espaços de fala, sob o qual desde o século XIX procurou-se separar e prevenir os discursos sobre o sexo a partir da intensificação de uma consciência a um “perigo que constitui, por sua vez, incitação a se falar dele” (2017, p. 34). É totalmente possível relacionar essa reflexão foucaultiana aos nossos dias enquanto ainda é notório o pensamento de que falar de homossexualidade ou da sexualidade, propriamente dita, nas escolas venha subtrair-se numa vaga “apologia” condicionada às facilidades, até então inexistentes, como manobra de incitar as pessoas, nesse caso os alunos,

---

<sup>18</sup> MATOSO, Glauco. Não me espreme que eu sangro! *Lampião da Esquina*, n. 04, p. 05.

a mostrarem comportamentos que não condizem com as manifestações afetivas e sexuais “hegemônicas”, devido à explanação do professor<sup>19</sup>.

O regime militar brasileiro não atendia com sua grande imprensa os anseios de uma parte da população brasileira, com destaque para aqueles que eram contrários ao regime ditatorial e repressivo, manifestados através da reivindicação do fim da censura e da extrema violência policial. Para tanto, foi necessário criar uma alternativa para que esse público, excluído pelos militares, pudesse manifestar suas denúncias e discursos de oposição ao regime estabelecido. Surgiu desse modo, no final da década de 1960, a chamada imprensa alternativa, composta pelo seu primeiro periódico de destaque, *O Pasquim*<sup>20</sup>.

A imprensa alternativa apresentava ideias sob influência da contracultura, articulada pela onda do movimento *hippie* e dos novos comportamentos ministrados pela juventude. Esta imprensa também simpatizava-se com publicações universitárias, instigadas, muitas das vezes, por discussões filosóficas e políticas, esta última, articulada pela perspectiva da esquerda (AQUINO, 1999).

Para Kucinski, as palavras *nanica* e alternativa, mesmo sendo relacionadas como sinônimos, muitas vezes, detinham pequenas diferenças, sobretudo, no que tange o seu significado:

A palavra *nanica*, inspirada no formato tablóide adotado pela maioria dos jornais alternativos, foi disseminada, principalmente por publicitários, num curto período em que eles se deixaram cativar por esses jornais. Enfatizava uma pequenez atribuída pelo sistema de a partir de sua escala de valores e não dos valores intrínsecos à imprensa alternativa [...]. Já o radical de *alternativa* contém quatro dos significados essenciais dessa imprensa: o de algo que não está ligado a políticas dominantes; o de uma opção entre duas coisas reciprocamente excludentes; o de única saída para uma situação difícil e, finalmente, o do desejo das gerações dos anos de 1960 e 1970, de protagonizar as transformações sociais que pregavam (KUCINSKI, 1991, p. 05).

De acordo com o autor, esses jornais exigiam a queda definitiva da censura, através de uma reparação e retorno da democracia, na responsabilidade da defesa aos direitos humanos. Conforme destaca Aquino, “os militares tiveram ampla preocupação com o chamado setor de informações” (1999, p. 15). Toda essa apreensão, nas palavras da autora, se dava pela tentativa de controlar e punir quaisquer tipos de ações subversivas à ordem instaurada. Discurso este que firmava a manutenção extrema de um conservadorismo imposto à população brasileira, empreendido pela moral e os bons costumes.

<sup>19</sup> Uma clara referência ao *Escola Sem Homofobia* proposto ainda no governo do PT e que fora denominado pejorativamente de *Kit Gay* pelo grupo conservador do Congresso conhecido como “Bancada Evangélica”.

<sup>20</sup> Entre as principais características deste periódico, conforme análise de MacRae (1990, p.69), era “direcionar suas críticas não só aos aspectos econômicos do regime, mas também em fazer uma contestação cultural mais ampla, ousando empregar expressões da gíria carioca, e misturando discussões políticas como a curtição de belezas femininas”.

Durante o *boom* da imprensa alternativa, os *nanicos* não se interessavam pela causa homossexual debruçando-se apenas com a temática de oposição ao regime militar. Quando destacavam algum assunto que abrangiam as homossexualidades, estas traziam referências negativas, carregados de preconceitos em tom depreciativo (SILVA; RUBIO, 2018) atestando um padrão estabelecido da héteronormatividade compulsória que deveria a qualquer custo ser mantida.

Convém apontar que o jornal *Lampião da Esquina* não é considerado o primeiro periódico direcionado a discussão da homossexualidade, que contrastavam aos impressos caseiros dos anos 1960. Só podemos considerá-lo dessa forma em caso de referenciá-lo como o primeiro impresso *gay* de circulação nacional. Green destaca o jornal *Gente Gay*, criado em 1976, que tinham na sua linha editorial, alguns redatores que trabalharam, anteriormente, com o extinto *O Snob*. Para Green

o título do jornal refletia uma mudança na linguagem da subcultura. Por volta de 1976, o termo inglês “*gay*”, familiar para os homossexuais cariocas e paulistas por mais de uma década, havia entrado no léxico popular. Depois que a mídia usara a expressão *gay power* para se refletir ao movimento nos Estados Unidos e na Europa no começo dos anos 1970, a palavra perdeu seu caráter discreto de código (GREEN, 2000, p. 421).

O jornal *Gente Gay* preocupou-se em destacar a luta dos homossexuais expressos no movimento norte americano, sem deixar de lado demais assuntos que abordavam o cinema, teatro e literatura, principalmente quando a temática era homossexual. Até a chegada de *Lampião da Esquina*, outros impressos de temática *entendida* surgiram em outras cidades e regiões como em São Paulo e na Bahia<sup>21</sup>. Devido sua publicação e distribuição bastante limitada, o periódico acabou perdendo espaço, definitivamente, com o sucesso inicial e o profissionalismo dos redatores de *Lampião da Esquina*, em 1978.

O tablóide *Lampião da Esquina* teve seu primeiro número, titulado de edição experimental número zero, datada de abril de 1978, em espécie de circulação restrita, direcionada a amigos dos participantes do conselho editorial. Essa ação inicial, embora tenha atingido um número de cinco mil exemplares, foi o resultado de algumas reuniões, realizada entre onze intelectuais, homossexuais assumidos, que viriam a compor o conselho editorial do jornal. As reuniões foram oriundas do encontro entre um dos editores do periódico, João Antônio Mascarenhas<sup>22</sup> com o editor chefe da revista norte americana *Gay Sunshine Press*,

<sup>21</sup> Ver Green (2000, p. 423) e MacRae (1990, p.68). Alguns periódicos, conforme destacam os autores, estão inseridos o *Entender*, *Gente Gay* e *Mundo Gay* de São Paulo; *Boletim Eros* e *Já*, do Rio de Janeiro e; *Little Darling*, *Ello* e *Baby*, da Bahia, entre outros.

<sup>22</sup> Advogado e escritor, pioneiro do movimento homossexual brasileiro. Mascarenhas fora o anfitrião de Wiston Leyland no período em que o norte americano visitava o Brasil. Foi peça fundamental na fundação e consolidação do Grupo Gay da Bahia, criado por Luiz Mott em 1980. Sempre se preocupou em saber a situação

Winston Leyland, no final de 1977. O encontro rendeu um extenso debate sobre homossexualidade e luta política, relacionada ao contexto do movimento homossexual norte americano<sup>23</sup>.

A princípio, conforme apresenta MacRae, a entrevista deveria ser publicada no periódico alternativo *Pasquim* (MACRAE, 1990, p. 71). Contudo, os entrevistadores encontraram bastante dificuldade em publicar a entrevista integral neste periódico, entre outros *nanicos*, conforme é apresentado na edição número 02 de *Lampião da Esquina*. Jornalistas e intelectuais de classe média, como João Silvério Trevisan, Aguinaldo Silva, Darcy Penteadó, Peter Fry, entre outros, não conseguiam manter vínculo direto e intenso com demais jornais alternativos. Uma das causas era a falta de um espaço sólido para tratarem de suas convicções plenas como a discussão da homossexualidade e sua naturalização, as denúncias referentes à repressão nas ruas às travestis e prostitutas, a liberdade sexual, entre outros assuntos.

Como resultado deste impasse somado a expectativa de se criar um ambiente de consistente diálogo com a temática homossexual, os intelectuais citados acima juntamente com Mascarenhas, entre outros, reuniram-se com objetivo de discutir a homossexualidade, assunto tão inflamado, a partir da experiência com Leyland. Logo, tornou-se possível a confecção da primeira edição intitulada de número zero, em abril de 1978, com o título de *Lampião*. O nome *Lampião da Esquina*, sugerido nas edições seguintes, retratava a ideia de trazer luz às esquinas, aos variados “guetos” onde se “escondiam” os homossexuais a fim de esclarecê-los, conscientizá-los de forma positiva, sua homossexualidade.

Com o título “Saindo do gueto”, na segunda página, os editores apresentavam suas propostas e intenções na promoção de um jornal com vistas ao público *gay*, “feito por e com o ponto de vista de homossexuais” (TREVISAN, 2018, p. 316) e que pretendia atender todas as minorias oprimidas, além de trazer destaque para o esclarecimento da causa homossexual, ou seja, tirar o homossexual do gueto:

O que nos interessa é destruir a imagem-padrão que se faz do homossexual, segundo a qual ele é um ser que vive nas sombras, que prefere a noite, que encara a sua preferência sexual como uma espécie de maldição: seu sexo não é aquele que ele desejaria ter. Para acabar com essa imagem-padrão, LAMPIÃO não pretende soluçar a opressão nossa de cada dia, nem pressionar válvulas de escape. Apenas lembrará que uma parte estatisticamente definível da população brasileira, por carregar nas costas o estigma da não reprodutividade numa sociedade petrificada na mitologia

---

do movimento gay em todo o Mundo. Mascarenhas foi um dos fundadores do grupo Triângulo Rosa, no Rio de Janeiro, que atuou em campanha para incluir na nova Constituição de 1988 a proibição da discriminação por “orientação sexual” (HOWES, 2003).

<sup>23</sup> A edição nº 02 de *Lampião da Esquina*, de Junho e Julho de 1978 trás na íntegra a entrevista com Winston Leyland.

hebraico cristã, deve ser caracterizada como uma minoria oprimida. E uma minoria, é elementar nos dias de hoje, precisa de voz. [...]. LAMPIÃO reivindica em nome dessa minoria é não apenas se assumir e ser aceito - o que nós queremos é resgatar essa condição que toda a sociedade construída em bases machistas lhes negou: o fato de que os homossexuais são seres humanos e que, portanto, têm todo o direito de lutar por sua plena realização, enquanto tal. Para isso, estaremos mensalmente em todas as bancas do País, falando da atualidade e procurando esclarecer sobre a experiência homossexual em todos os campos da sociedade e da criatividade humana<sup>24</sup>.

Por se tratar de um jornal homossexual que não hesitou em lutar a favor das camadas oprimidas, como um todo, não dispensou em utilizar o termo “minoria” para destacar os negros, as mulheres e os índios. Este espaço proporcionado pelo jornal alinhava-se ao contexto no qual a redemocratização no Brasil estava em sua fase embrionária a partir da crise militar e a Lei da Anistia que segurava o retorno dos exilados que retornavam ao País inflamados pelos movimentos sociais, que articulavam-se, na mesma época, em Países da Europa e nos Estados Unidos.

O jornal era produzido no Rio de Janeiro onde se concentravam os jornalistas Aguinaldo Silva e Adão Costa, os quais eram responsáveis pela confecção gráfica datilografada do periódico. Embora inicialmente abarcasse o número de cinco mil exemplares, *Lampião da Esquina* chegou a produzir, até o final de suas publicações, o contingente de quinze mil exemplares distribuídos em todo o Brasil. O público alvo não se limitou apenas aos homossexuais, politizados ou não, mas procurou agregar os movimentos sociais em sua pauta diária, sendo consumidores do periódico as feministas, os negros, os ambientalistas, entre outros.

O tablóide manteve várias seções oficiais durante todo o seu período de circulação, sofrendo poucas alterações e aquisições de acordo com as sugestões do público leitor. Rodrigues destaca “a seção ‘Opinião’, que caracterizava o espaço para o jornal desenvolver sua linha editorial, era ocupada na verdade por opiniões pessoais dos membros do Conselho Editorial” (RODRIGUES, 2015, p. 101). Havia seções que não eram regulares, mas serviam para destacar a temática de reportagem a qual o jornal visava cobrir tais como “Ativismo”, “Violência”, entre outros. A coluna de humor “Bixórdia” teve seu primeiro destaque na edição número 05 do jornal, a pedido de leitores que achavam o jornal muito sério e denso. A seção “Cartas na Mesa” tornou-se o maior veículo de intercâmbio entre os redatores e seus leitores. Elogios, críticas, sugestões ao tablóide além de relatos de denúncias provenientes do sistema repressivo, eram assuntos comuns desta seção.

---

<sup>24</sup> *Lampião*, edição zero, abril de 1978, p. 02.

Esta edição inaugural estampou na capa o processo sofrido por Celso Curi, ex-colunista do jornal *Última Hora*, de São Paulo. O slogan “Celso Curi processado. Mas qual é o crime deste rapaz?” Tinha por objetivo denunciar a atuação da polícia através do processo desencadeado a Celso Curi por meio do artigo 17 da lei da imprensa. A matéria da edição experimental destacou o desenrolar do inquérito e a origem de seu processo, o que ficou evidente, para os redatores, a arbitrariedade imposta no caso. Nas palavras de Green, a primeira edição do tablóide tinha o objetivo de

defender Curi e argumentar que o caso contra ele era a prova dramática da necessidade de um movimento organizado, cujo objetivo deveria ser resguardar os indivíduos contra as ações arbitrárias do governo e combater as atitudes homofóbicas na sociedade brasileira, de modo geral (GREEN, 2000, p. 431).

Logo, *Lampião da Esquina* reproduzia uma manifestação contrária ao regime autoritário e conservador brasileiro ao denunciar as opressões e violências impostas às minorias e reivindicar uma mudança na estrutura repressiva. No entanto, o jornal não se afastou da aplicação de palavras utilizadas de forma negativa com objetivo de criticar e expor a estrutura repressiva aos grupos oprimidos da sociedade. Temos como primeiro exemplo, no caso dos homossexuais, a intenção do periódico para o esvaziamento das palavras, majoritariamente, pejorativas tais como “bichas”, “viado”, “travestis”, entre outras:

O uso de tais palavras em *Lampião da Esquina*, na verdade, tem um propósito. O que nós pretendemos é resgatá-las do vocabulário machista para em seguida desmitificá-las. Vejam bem, até agora elas foram usadas como ofensa, serviram como o meio mais simples para mostrar a “separação” que existe entre o “nosso” mundo e o dos “outros” [...]. A primeira coisa a fazer, portanto, é perder o medo das palavras [...]. Assim, acreditamos que estamos cumprindo nosso verdadeiro papel neste jogo quando mostramos às pessoas que perdemos o medo<sup>25</sup>.

Na fala de Trevisan, a intenção do texto era adicionar tais palavras aos demais conceitos já estabelecidos entre os homossexuais, como, por exemplo, o termo *entendido*. Na perspectiva de Silva, no que tange as discussões de identidades, “normalizar significa atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis” (SILVA, 2000, p. 83).

As reportagens referentes aos debates focalizados nas minorias, relacionando-as apenas aos homossexuais, definiam-se totalmente insuficientes. Portanto, ao destacar a palavra minoria, a intenção do *nanico* debruçava-se na discussão de todas as minorias:

Todos os elementos minoritários incômodos à sociedade “bem constituída”, como os negros, mulheres, homossexuais, prostitutas, índios, presidiários, menores marginalizados, etc..., estão levantando bandeiras, conclamando seus direitos. A marginalização imposta pelo sistema (e ainda existente) começa, porém a preocupar os próprios opressores, cujas estruturas não são tão invulneráveis quanto eles imaginavam: dependendo do nível de conscientização, que poderá ser retardado mas não extinto, as minorias irão de repente demonstrar que, juntas, formam um percentual muitas e muitas vezes mais numeroso que o dominante. E a “minorias”

<sup>25</sup> SILVA, Aguinaldo. As palavras: para que temê-las? *Lampião da Esquina*, n. 03, p. 05.

dominante sabe disto, reconhece a sua importância e o seu perigo (para ele) e, neste sentido, está bem conscientizada que as próprias, as verdadeiras minorias discriminadas [...]. Não interessa, portanto, as minorias à inversão, isto é, passar de oprimido a opressor, mas participar de uma sociedade equitativa para qual elas possam dar a sua contribuição e ter os seus direitos reconhecidos<sup>26</sup>.

Importa destacar o uso do termo “minorias dominantes”, como referência ao destacar a complexidade apreendida ao discutir sobre o que a sociedade entende como minorias, termo que passava muitas vezes a ser questionado por *Lampião da Esquina*. É evidente perceber que o jornal pretendia destacar que a união de homossexuais, juntamente com os negros, as mulheres e os índios, por exemplo, compreendiam um número superior se compararmos com o contingente formador da elite branca brasileira. Vale ressaltar uma frase do jornal que enfatiza que “nós somos, de começo, seres humanos: homossexuais, negros, mulheres, ecologistas, isto é, aqueles a quem o sistema rotulou de ‘minorias’, para poder acreditar que é maioria<sup>27</sup>”.

John Pocock analisa esse jogo linguístico ao apresentar as intenções do autor como uma forma de transformar esses conceitos predefinidos no contexto de sua utilização, neste caso o final da década de 1970. O que significa, em outras palavras, é transformar a linguagem negativa em referência política de identidade, de forma positiva. Neste sentido, Pocock afirma que

quanto mais complexo, e até mesmo, quanto mais contraditório o contexto linguístico em que ele se situa, mais ricos e mais ambivalentes serão os atos de fala que ele terá condições de emitir, e maior será a probabilidade de que esses atos atuem sobre o próprio contexto linguístico e induzam a modificações e transformações no interior dele. Neste ponto, a história do pensamento político torna-se uma história da fala e do discurso, das interações entre *langue* e *parole*. Sustenta-se não somente que essa história do pensamento político é uma história do discurso, mas que ela tem uma história justamente em virtude de se tornar discurso (POCOCK, 2003, p. 28).

Silva (2000) demonstra, em seus trabalhos que permeiam na identidade e diferença, que as construções identitárias se conectam com as relações de poder. Logo, “a afirmação da identidade e a enunciação da diferença traduzem o desejo dos diferentes grupos sociais, assimetricamente situados, de garantir o acesso privilegiado aos bens sociais” (SILVA, 2000, p. 81). Assim sendo, dar visibilidade aos novos parâmetros de identidade, estendidos as características que valorizassem os homossexuais, somente seria possível, na visão dos redatores de *Lampião da Esquina*, numa ação estendida além do “gueto”.

*Lampião da Esquina*, mesmo mantendo-se neutro em relação aos grupos, priorizou, inicialmente, seu espaço para destacar o início do movimento homossexual. A intenção era

---

<sup>26</sup> *Lampião da Esquina*, n. 19, p. 09.

<sup>27</sup> *Lampião da Esquina*, n. 23, p. 02.

dar visibilidade ao ativismo que estava se formando com o objetivo de adquirir novos adeptos além de reafirmar o objetivo inicial dos redatores: a promoção efetiva de uma conscientização homossexual. Na edição de número 05, o texto de João Silvério Trevisan, titulado de *Minorias e a política*, descrevia o andamento dos movimentos feminista e negro, no que tange suas ações na qualidade de grupos estigmatizados, mas que estavam contestando seus direitos enquanto cidadãos.

A repressão social provoca os desajustamentos; por isso é que os sentimentos de culpa, os estereótipos e o enrustimento grassam epidemicamente entre os homossexuais – que acabam servindo de fácil massa de manobra, inconscientes dos seus direitos a uma sexualidade própria e legítima<sup>28</sup>.

É evidente, nesse sentido para Trevisan, sua preocupação diante da alienação na qual os homossexuais estavam submetidos. Na edição número 12, de maio de 1979, Trevisan deixa claro na sua indignação com a violência simbólica empreendia e destaca que este cenário estaria prestes a mudar:

Um gigantesco e milenarmente bem montado sistema de opressão sexista vem movendo uma guerra incessante contra aqueles que não saímos programados por suas pautas de condicionamento sócio familiar [...] tentam nos convencer a viver a margem ou então acabamos compulsoriamente reintegrados àquilo que entendem por “normalidade” – por meio de violências culturais, psiquiátricas e físicas. Mas não é verdade que estamos incapacitados de nos rebelar [...]. Esse tipo de repressão é parte de um velho truque de quem quer manter o poder a qualquer custo. E tem medo dos que divergem. E depois, a verdade é que, neste país, finalmente, já estamos nos organizando<sup>29</sup>.

Trevisan estava se referindo, conforme acima, ao debate realizado na USP, em 08 de fevereiro de 1979, evento considerado o marco na história inicial do *Somos*, o primeiro grupo ativista em favor dos direitos homossexuais no Brasil<sup>30</sup>.

Nas palavras de Ferrari (2004), entender os grupos das minorias, no contexto da abertura política, sob a perspectiva de movimentos de emancipação, era compreender os problemas enfrentados por esses grupos. Isso só seria possível a partir do momento em que as minorias exigissem maior visibilidade enquanto parte da população situada à margem dos direitos democráticos. Portanto, para a questão homossexual

a visibilidade e a necessidade de se repensar a construção da homossexualidade envolve questões ligadas à justiça, à liberdade, à fraternidade, enfim, lutas que são comuns a vários grupos e povos com realidades locais e lutas muito próprias, e que são resolvidas através da produção de novas formas de conhecimento e poder (FERRARI, 2004, p. 109).

<sup>28</sup> *Lampião da Esquina*, n. 05, p. 06.

<sup>29</sup> *Lampião da Esquina*, n. 12, 1979

<sup>30</sup> O debate contou com uma mesa redonda, onde representantes dos diversos grupos empreendiam suas pautas em favor dos direitos e da redemocratização. O encerramento do evento data a participação inicial das lésbicas no grupo, ampliando as discussões. Desse modo, a atuação do *Somos* seria essencial para reformular variadas questões e dar espaços para novas formações e discussões referentes as pautas direcionadas, especificamente, aos grupos homossexuais.

Pela análise do antropólogo, podemos identificar esse processo da não segregação, no que tange “o ser homossexual”, a sua relação ao contexto que detinha uma afirmação ainda em criação. Desse modo, nas palavras de MacRae “a identidade homossexual ainda era muito indefinida e o único sentimento básico a unir os participantes dessa reunião era o de que todos seriam igualmente párias sociais em razão da sua orientação sexual” (MACRAE, 1990, p. 116). Ainda sob a análise do autor, através das ações do *Somos*, “uma identidade homossexual estava sendo construída [...]. De uma forma muito real, aprendia-se a ser homossexual, ou melhor, militante homossexual” (MACRAE, 1990, p. 131).

A conscientização homossexual pregada pelo jornal, principalmente, através de personagens como Trevisan era extraído dos exemplos atuantes dos demais movimentos sociais. Para Trevisan, a consciência em ser homossexual e se aceitar é estabelecida através de uma formação sólida de autoestima:

Fico fascinado pelo Programa Comum tirado pelas feministas. É verdade que os homossexuais têm um longo caminho a percorrer até lá. Primeiro, vão precisar tirar a cabeça de avestruz do chão, buscando auto identificação enquanto grupo. Acho que a consciência da opressão entre os homossexuais no Brasil é bastante incipiente, e não estou culpando especificamente ninguém disso: as causas históricas são complexas e não se esgotam numa só classe, nem em indivíduos isolados ou em circunstâncias separadas. A repressão social provoca os desajustamentos; por isso é que os sentimentos de culpa, os estereótipos e o enrustimento grassam epidemicamente entre os homossexuais – que acabam servindo de fácil massa de manobra, inconscientes dos seus direitos a uma sexualidade própria e legítima<sup>31</sup>.

Trevisan deixa evidente sua preocupação diante da alienação a qual os homossexuais estavam submetidos. O escritor já tinha esta conclusão por tentar formar um grupo em São Paulo no ano de 1976, entretanto, o grupo não avançou. Diante desta situação foi possível concluir que a falta de aceitação, somada à baixa autoestima dos integrantes, fora essencial para a dissolução do grupo (TREVISAN, 2018).

No final da década de 1970, o movimento feminista e negro avançava cada vez mais. É, sobretudo, a partir desse contexto que Trevisan enfatiza, em *Lampião da Esquina*, sua postura fiel de aceitação enquanto homossexual conscientizado:

Nesses momentos fica mais claro para mim a necessidade de solidarizar-se, aprender a trocar experiências com outros grupos discriminados: os amigos são bem aceitos, venham de onde vierem. Mesmo porque a opressão, que parece tão diversificada, tem raízes comuns num mesmo sistema patriarcal e autoritários [...]. Francamente, tudo isso me anima a não abrir mão de mim mesmo. Porque mostra que não estou só<sup>32</sup>.

Até 1981, ano de encerramento de *Lampião da Esquina*, foram produzidas trinta e sete edições mensais, além do número experimental. O jornal além de demonstrar, de forma

---

<sup>31</sup> *Lampião da Esquina*, n. 05, p. 06.

<sup>32</sup> *Idem*.

latente, a importância de esclarecer o fenômeno da homossexualidade à sociedade brasileira, principalmente aos próprios homossexuais, manteve o cuidado em estabelecer um diálogo com as demais lutas, de forma articulada. Este intercâmbio favoreceu no diálogo entre os movimentos sociais, como o das feministas e o movimento negro, dando ao movimento homossexual a oportunidade em criar suas pautas em prol de reivindicações comuns, como o fim da repressão e do machismo, mecanismos fundamentais da violência direcionada a esses grupos.

### Considerações finais

Tentou-se, neste sentido, destacar e identificar a trajetória histórica das homossexualidades a partir da linguagem exibida nos impressos *Snob e Lampião da Esquina*. A análise do contexto linguístico que envolveu a publicação destes periódicos, bem como o período de repressão política no qual se inseriram, indicam a formulação de alguns conceitos que passam a permear a construção da identidade homossexual no Brasil. Isso somente foi possível a partir do consistente empenho daqueles que pretendiam sair dos “guetos”. Como destaca Anuar Farah em entrevista à Leila Miccolis: “uma das maiores contribuições nossas, na minha opinião, foi, sem dúvida, sairmos dos salões fechados, como nós chamávamos antigamente nossas casas e nos apresentarmos em público<sup>33</sup>”

Almejou-se, desta forma, evidenciar a construção e reformulação de alguns conceitos envolvidos na construção desta identidade ao longo de sua trajetória histórica, salientando ainda o papel da imprensa como local de debate e sociabilidade, tornando-se veículo difusor dos termos utilizados no período.

### Referências Bibliográficas

AQUINO, Maria Aparecida de. *Censura, imprensa, Estado autoritário (1968-1978): O exercício cotidiano da dominação e da resistência – O “Estado de São Paulo” e “Movimento”*. Bauru: EDUSC, 1999

BARROS, José D’Assunção. *O projeto de pesquisa em história: da escolha do tema ao quadro teórico*. Petrópolis: Vozes, 2015.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARRARA, Sergio Luis; AGUIÃO, Silvia. *Entrevista com Peter Henry Fry*. Centro Latino Americano em Sexualidades e Direitos Humanos. *Trajetórias Intelectuais*. Rio de Janeiro. Disponível em <<http://www.clam.org.br/uploads/arquivo/Entrevista%20com%20Peter%20Fry.pdf>>, acessado em 20 set 2016.

---

<sup>33</sup>MICCOLIS, Leila. Entrevista: “Snob”, “Le Femme”... Os bons tempos da imprensa guei. *Lampião da Esquina*, 1980, p. 07

CECCARELLI, Paulo Roberto. A invenção da homossexualidade. *Bagoas*, Estudos Gays: Gênero e Sexualidades, Natal, v.02, n. 02, p. 71-93, 2008.

COSTA, Rogerio. Sociabilidade homoerótica e relações identitárias: O caso do jornal “O Snob” (RJ, década de 1960). *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v.02, n. 02, p. 61-92, jul./dez. 2010.

DIAS, Mauro Roberto Fonseca. *Os periódicos Lampião da Esquina e o Boletim do GGB e suas contribuições para o Movimento Homossexual durante a Abertura Política no Brasil (1978-1981)*. Monografia (História), Faculdade Saberes, Vitória, 2017.

FACCHINI, Regina. Movimento homossexual no Brasil: Reconstituindo um histórico. *Cadernos AEL*, Campinas, v. 10, n. 18/19, 2003.

FERRARI, Anderson. Revisando o passado e construindo o presente: o movimento gay como espaço educativo. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 25, p. 105-115. jan./abr. 2004.

FICO, Carlos. Ditadura Militar: mais do que algozes e vítimas. A perspectiva de Carlos Fico [Entrevista realizada em 24 de julho, 2013]. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 5, n. 10, jul./dez. 2013, p. 464-483. Entrevistadores: Silvia Maria Fávero Arend, Rafael Rosa Hagemeyer e Reinaldo Lindolfo Lohn.

FICO, Carlos. “Prezada Censura”: cartas ao regime militar. *Topoi*, Rio de Janeiro, dezembro 2002, p. 251-286.

FICO, Carlos. Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 24, n. 47, p. 29-60, 2004.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. São Paulo: Paz & Terra, 2017.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. *O que é homossexualidade*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

FRY, Peter. *Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

GREEN, James. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Unesp, 2000.

GREEN, James. A luta pela igualdade: desejos, homossexualidade e a esquerda na América Latina. *Cadernos AEL* 10. 18/19. 2003.

GREEN, James; QUINALHA, Renan (orgs). *Ditadura e homossexualidades: Repressão, resistência e a busca da verdade*. São Paulo: EDUFSCar, 2015.

GREEN, James. Homossexualidades e a História: Recuperando e entendendo o passado. *Gênero*, Niterói, v. 12, n. 02, p. 65-76, 1. Sem. 2012.

HOWES, Robert. João Antônio Mascarenhas (1927-1998): Pioneiro do ativismo homossexual no Brasil. *Cadernos AEL*, Campinas, v. 10, n. 18/19, p. 289-313, 2003.

KUCINSKI, Bernardo. *Jornais e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa*. São Paulo: Página Aberta, 1991.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Direção de Livia Perez. Produção de Doctela e Canal Brasil, 2016. 86 min, son., color.

LUCA, Tania Regina de. Fontes impressas: história dos, nos e por meio dos periódicos In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2008.

MACRAE, Edward. *A construção da igualdade: Identidade sexual e política no Brasil da abertura*. Campinas, 1990.

MACRAE, Edward. Em defesa do gueto. *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, v. 02, n. 1, p 53-60, abr. 1983.

Os 40 anos do Movimento LGBT no Brasil. *Revista CULT*, Ano 21, n. 235, junho de 2018.

PERLONGUER, Nestor. *Negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

POCOCK, John. *Linguagens do ideário político*. São Paulo: EDUSP, 2003.

RODRIGUES, Jorge Caê. Um Lampião iluminando esquinas escuras da ditadura. In: GREEN, James; QUINALHA, Renan. (Org.). *Ditadura e homossexualidades: Repressão, resistência e a busca da verdade*. São Paulo: EDUFSCar, 2015, p. 83-123.

RODRIGUES, Rita de Cassia Colaço. De Denner a Chrysóstomo, a repressão inviabilizada. In: GREEN, James; QUINALHA, Renan (Org.) *Ditadura e homossexualidades: Repressão, resistência e a busca da verdade*. São Carlos: EdUFSCar, 2015, p. 201-244.

SALIH, Sara. *Judith Butler e a Teoria Queer*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, 20 (2), p. 71-99, jul/dez. 1995.

SILVA, Natanael de Freitas. O conceito de gênero em Scott, Butler e Preciado, aproximações, distanciamentos e a contribuição para o ofício do historiador. *Revista Hominum*, edição n. 19, p. 153-171, out/2016.

SILVA, Natanael de Freitas; RUBIO, Natam Felipe de Assis. Sexualidade homossexual no jornal Lampião da Esquina. *Transversos: Revista de História*, Rio de Janeiro, n. 14, p. 165-186, dez. 2018.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2000, pp. 73-102.

SOUTO MAIOR JR, Paulo Roberto. Escrever para inscrever-se: epistolografia homossexual nas páginas do Lampião da Esquina (1978-1981). *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 08, n. 19, pp. 254-282. set./dez.2016

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil. Da colônia à atualidade*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

VERAS, Elias Ferreira. Os silêncios de Clio: escrita da história e (in)visibilidade das homossexualidades no Brasil. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 6, n. 13, p. 90-109, set./dez. 2014.